

05

DESAFIOS DA PESQUISA EM
ARTE EDUCAÇÃO
OU ARTE EDUCAÇÃO
PELA PINTURA

JOCIELE LAMPERT



Estúdio de Pintura Apotheke – Imagem de processo de trabalho

Resumo

O presente texto deriva sobre os desafios da pesquisa em Arte Educação, apresentando o estudo de caso onde se situa a Arte Educação pela pintura. Pontua-se inicialmente o contexto em que a pesquisa está sendo desenvolvida, bem como as reflexões ancoradas nos pressupostos da Arte como Experiência de Dewey (2010), dentre outros autores.

Palavras-chave: estúdio de pintura, arte como experiência, artes visuais, ensino, aprendizagem.

Abstract

The present text derives on the challenges of the research in Art Education, presenting the case study where Art Education is located by painting. The context in which the research is being developed is initially analyzed, as well as the reflections anchored in the assumptions of Dewey's Art as Experience (2010), among other authors.

Keywords: painting studio, art as experience, visual arts, teaching, learning.

Deambulando sobre o contexto

Em 2013, ao chegar no Programa de Arte e Arte Educação no Teachers College na Columbia University (EUA), deparei-me com um escrito na galeria de arte: "A arte não muda o mundo, mas pode mudar as pessoas, que mudam o mundo." Esta frase, atribuída a Maxine Greene, reportou ao pensamento de Paulo Freire: "A Educação não pode mudar o mundo, mas pode mudar as pessoas que mudam o mundo." Obviamente as matrizes teóricas se entrecruzam no que concerne à democracia, à Educação e ao cambio social desde a virada cultural, até as abordagens metodológicas que construímos como professores no campo das Artes Visuais. Como professora universitária, tenho sistematicamente questionado, em meu contexto, a debilidade do currículo (mudanças curriculares acontecem com menos de dez anos, sem base ou avaliação sobre a formatividade, mas sim, propostas por Diretrizes que acompanham nosso modo de produção e sistematizam o conhecimento em menor carga horária de forma fragmentada). Há, evidentemente, neste sentido, dissonâncias entre a formação e a atuação, em que teoria e prática ainda são disjuntas. Soma-se a difícil dualidade professor artista, como eixo de problematização, dentre tantas outras evidências que desafiam a produção do conhecimento em Arte Educação.

O que pode a Educação aprender com a Arte? Conhecendo pensamentos como o de E. Eisner (que também questionou o mesmo), ancoo minhas reflexões sobre Arte como Experiência, tendo a filosofia

de John Dewey como caminho para minha deambulação sobre a Arte Educação pela pintura. Uma filosofia da experiência no âmago da Educação exige que professores e artistas sejam conhecedores exímios do seu processo de aprender, e que estejam com seus conjuntos de práticas em constante estado de reflexão. Caso contrário, corre-se o risco de que sua prática pedagógica não passe de um aglomerado de dogmas sem qualquer exame crítico (Dewey, 2010). O autor sustenta a ideia de que nenhuma reflexão sobre processos educacionais seja viável sem levar em conta os contextos nos quais estes estejam inseridos.

No âmbito de uma Universidade pública, temos nos questionado como construir um espaço de ensino e aprendizagem que compreenda o tempo e o espaço no ateliê de pintura. Tal questão parte não somente da perspectiva de mapear metodologias operativas desenvolvidas na pesquisa em Arte, mas do sentido de instaurar outro modo ou paisagem, gerando deslocamentos para uma consonância contemporânea frente à Arte e à Educação, e que dinamize o processo formativo do artista professor neste espaço. Uma das formas relevantes para pensar a construção da subjetividade do artista professor pode ser através de um pensamento reflexivo sobre as experiências apreendidas durante o processo. Dewey evidencia a relevância de entender o processo como essencial no aprendizado e a busca pela percepção e reflexão como fundamental na construção do sujeito. Uma apreensão baseada na experimentação, na qual, a partir da percepção, da imaginação e da experiência, faz-se o ajuste da consciência (Dewey, 2010). Uma experiência de um vínculo entre teoria e prática provoca interação entre ideia e ação, proporcionando uma concepção de conhecimento pelo caminho do agir agindo e de um fazer fazendo, criando experimentações que possibilitem condições crítica e reflexiva relevantes para a Educação em Artes Visuais.

Assim, o espaço do ateliê poderá ser entendido como lugar de ensino e aprendizado na prática desse olhar, um lugar de potência como eixo gerador de um conhecimento que não perpassa somente pelo ensino técnico. Tanto o artista como o professor, apesar de possuírem atuações distintas, ao se contaminarem, produzem uma tensão de forças para o ensino aprendizagem. Sendo assim, busca-se a compreensão do espaço e do tempo por um professor artista ou um artista professor, considerando que é através desse fazer artístico e do entendimento que se tem do processo, da reflexão e da autoavaliação contínua, que a condição crítica para a mudança pode acontecer. Para Alan Thornton,

O artista professor poderia ser compreendido como um indivíduo o qual valoriza a autonomia artística e liberdade criativa e as vê como ativos/bens sociais e, portanto, importante para se promover dentro do sistema educacional (2013: 52).

Assim, o artista professor torna-se propositos de experiências. Enquanto ensina, apreende novas maneiras de fazer, construindo seu saber pedagógico para além de um saber programado e instituído.

Arte como Experiência

O termo Arte como experiência, celebrado tantas vezes por John Dewey (2010), pode abordar a perspectiva 'entre' o duplo (artista professor). Porque a experiência provém de uma interação entre o novo e o velho, entre as vivências e as experimentações, uma relação entre ideia e ação. Para ter-se uma experiência, o sujeito precisa necessariamente criar sua própria experiência, e para tornar-se estética ou singular, dependerá do tempo disposto, da percepção e da reflexão desprendida para esse momento (Dewey, 2010). Uma experiência estética consciente origina-se de um perceber, interpretar e compreender. E, portanto, como a experiência singular, seu material é vivenciado até o fim, no qual sua conclusão "é uma consumação e não uma cessação" (Dewey, 2010: 110). Em uma "experiência artístico-estética" a relação "controla ao mesmo tempo o fazer e a percepção", a mão e o olho.

Conforme o exposto por Lampert e Wosniak (2016), a noção de Arte reportada por Dewey (eixo teórico para a compreensão deste texto), reside na relação que a criatura viva tem com seu ambiente, pois o naturalismo deweyiano torna-se necessidade para a Arte. Neste sentido, a função da Arte é unificar a vitalidade consciente presente na vida humana, pois as obras de Arte qualificadas não geram experiências estéticas especializadas. A experiência estética é a responsável em ampliar e aprimorar todas as inquietações humanas.

Para John Dewey, a Arte deveria situar-se ao lado das coisas da experiência comum da vida, ou seja, inserida em um contexto diretamente humano, ao contrário de estarem relegadas exclusivamente aos museus ou galerias, compartimentalizadas em teorias que distanciam as experiências estéticas da vida cotidiana, ou seja, do prazer pessoal que, segundo o autor, está próximo às coisas da natureza, como o ar, o solo, a luz, as flores. Seriam desses lugares que brotariam as coisas esteticamente admiráveis (Dewey, 2010). Na relação entre a Arte e a Estética, o filósofo afirma que o trabalho poético, desenvolvido em uma perspectiva da filosofia da experiência, seria o clímax da sofisticação entre a união dos saberes – afetivo, intelectual e prático (Dewey, 2010). É justamente na integração entre o pensamento e o instrumento de expressão que se pode esboçar a comunicação a respeito da experiência singular/estética. A experiência, para Dewey, é um processo do viver que se relaciona de maneira intensa e contínua entre o mundo e o sujeito. Ou entre a pintura, seus objetos e fazeres poéticos, e, dentre estes, as estruturas que engendram seu espaço de concepção, ensino e aprendizagem. Dessa relação brotam conflitos, resistências e impressões. Desses elementos, por sua vez, emergem as experiências, envoltas em ideias e emoções. É, portanto, nesse conceito instaurado por Dewey, que uma filosofia da experiência para a Arte e Arte Educação contemporânea torna-se pertinente.

A filosofia pragmática de Dewey não se refere exclusivamente à ação. Porém, o que o autor deflagra nessa corrente pragmática é uma teoria filosófica do pensamento e do sentimento, na qual o pensamento

norteia a ação e o sentimento reconhece as consumações dispostas por ela – uma conscientização unificada pelo sentir e agir. John Dewey foi o filósofo norte-americano mais relevante da primeira metade do século XX. Seu pensamento baseava-se principalmente na convicção moral de que "democracia é liberdade" – uma sociedade democrática prepara todos os indivíduos, de maneira igualitária, assegurando seus benefícios, por meio de variadas formas da vida associada.

A Pesquisa em Arte Educação

Dessa forma, sobre a pesquisa em Arte Educação, não se diferencia o lugar do artista professor, e sim se compreende o 'entre' como caminho formativo. Para o professor, a pesquisa em Arte não se refere a pesquisas sobre Arte (as quais poderão também situar-se em estruturas de reflexão e articulação), mas sim nas relações que o processo criativo instaura para o fazer 'aula', que partem da articulação prática e teórica, e não ao contrário. Compreende-se que a pesquisa sobre Arte também tem eixo gerador no sentido de que o pesquisador ancora seu conhecimento em determinado momento/estudo. No entanto, é o que ele produz (como produto final, seja uma obra, ou uma aula, ou um projeto), que nos interessa como pesquisa em Arte. A pesquisa em Arte não exclui a reflexão sobre obras de outros artistas e referenciais teóricos; olha-os e pensa-os de modo diferenciado da pesquisa sobre Arte. A referência imagética é constante, pois influencia a percepção diante da produção, agindo sobre singularidades, de acordo com a apreensão do olhar, tornando-se um emaranhado de referências que se transforma subjetivamente no processo.

Portanto, partindo do contexto, conforme Lampert (2017), de que todo objeto artístico poderá ter dimensões políticas, discursivas e pedagógicas, compreende-se a prática no estúdio de pintura como processo de um fazer criativo no qual se inclui a reflexão crítica e a produção plástica por meio da experimentação (e vice-versa), concebendo que a pintura poderá ser uma representação imaginária, mas que também denota incontestavelmente derivações sobre a estética.

Tais reflexões sobre as concepções didático-pedagógicas decorrem dos estudos da Arte como experiência, seja como teoria ou abordagem metodológica, compreendendo o estúdio de pintura como um laboratório, a exemplo do que Dewey objetivava para sua escola-laboratório. O desafio de teorizar a prática de ateliê requer a construção de uma robusta e defensiva estrutura para considerar a relação entre as teorias e as práticas, que intuem como a Arte é feita (produzida), e como pode ser estudada e aprendida. A necessidade de ser cauteloso sobre descrever uma estrutura analítica para teorizar a prática artística como um lugar para a pesquisa é evidente. Qualquer estrutura sistemática tem o potencial de conduzir a uma nova ortodoxia como interesses preferidos e funções de métodos para normalizar práticas.

Assim, a experiência no ateliê de pintura pode ser uma forma de investigação cognitiva. Conforme Sullivan (2004), este é o local onde a pesquisa pode ser empreendida de forma suficientemente robusta e

forte, para produzir conhecimento e compreensão, que é transformadora, confiável, social e culturalmente relevante. Assim como também poderá ser o locus da consequência educacional de práticas que oferecem resultados e inclinam-se para mudar em relação a diferentes circunstâncias socioculturais. Trata-se de um lugar repleto de ideias e imagens que informam ações individuais, sociais e culturais.

O estúdio de pintura como laboratório de ensino e aprendizagem

Então, olha-se especificamente para o estúdio de pintura, como sendo a pintura expandida, desdobrada, reprojeta, reencarnada ou ampliada, como exemplos de expressões vinculadas aos procedimentos pictóricos feitos a partir do tempo contemporâneo. Obviamente, tratam do processo pictórico e seus meios operativos e metodológicos de forma a ampliar a espacialidade do conceito e dos estudos de estruturas cromáticas. Neste sentido, apontam para a compreensão de fazeres estéticos, articulando prática e reflexão em seu fazer/sentir/agir.

Intenciona-se abordar a concepção do labor pictórico em um tempo/espaço permeado pela resignificação da prática articulada ao saber teórico, ao conceito de experiência, instaurado por Dewey (2010), bem como ponderar sobre o conceito do espaço do estúdio com um laboratório de ensino e aprendizagem da linguagem pictórica. Passando da experiência solitária no espaço que configura o ato da produção, ao saber do acúmulo da tradição sobre a pintura, e finalmente tecendo experiência singular em um fenômeno epistemológico, que confere singularidade à práxis de viver um saber pictórico próximo à percepção de ensino e aprendizagem, sobretudo quando o espaço de criação é compartilhado.

Dentre metodologias operativas no espaço do estúdio, ancoram-se como base da experiência a concepção da produção de sentido na ação, que engloba gestos, emoções e estratégias que perpassam o processo criativo na criação de imagens, conceitos e meios. O estúdio pode ser considerado com espaço extrínseco à obra. Assim, o espaço da feitura no estúdio assume um tempo para experimentação que preceitua o que é feito em outro tempo, ou seja, aquilo que não é dito ou visto, o processo, o cerne do projeto, da concepção, das falhas e amarras do ato/ação experimental do próprio conceito da Arte como experiência.

Desdobrando a ideia de Arte e Educação

Sobre Arte e Educação, e de acordo com Lampert (2017), no livro *Studio Thinking*, de Hetland et al. (2007), é apresentada a perspectiva da sala de aula de Artes Visuais, pensada como estúdio, e não entendida como comparação, mas sim em articulação. Sendo que em ambos os espaços (aparentemente distantes) desenvolvem-se procedimentos metodológicos semelhantes: apresentação de proposta de trabalho, em que o professor desenvolve explicação teórica, fornecendo exemplos e apresentando referências; seguindo, apresenta uma proposta para o

desenvolvimento de trabalho prático individual ou coletivo; gera demonstração e exemplos de outros trabalhos similares; por fim, há uma pausa ou elemento para discussão pautado no fazer, gerando criticidade e reflexão ao processo de trabalho e formas de ensino de arte, vinculado à prática artística. Neste sentido, a prática de estúdio gera persistência, capacidade espacial, expressividade, capacidade de observação e reflexão e propensão para pensar além do que é concreto ou real.

Surge articulação com o desenvolvimento da subjetividade ao passo da tessitura do estudo de materiais e técnicas (tidas como ferramentas). Em articulação, pensa-se o espaço da sala de aula como gerador similar ao estúdio, em consonância com possibilidades para o ensino/aprendizagem em Artes Visuais. Dessa forma, Arte e Arte Educação ancoram-se sobre conjuntos de práticas que envolvem o saber fazer, a autorreflexão, o contexto sociocultural e abordagens históricas, que envolvem a prática pedagógica e a prática artística, como procedimentos de um processo criativo evidenciado pela construção sistemática de experiências. Refletir (e produzir) sobre propostas de ensino/aprendizagem que relacionem teoria e prática é relevante para conectar a subjetividade da prática docente e o próprio processo de formação docente, usando o espaço do ateliê híbrido, com eixo e cartografia como meios de metodologia ou caminhos a serem percorridos como possibilidade de trabalho.

Conclusão

O Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke tem produzido¹, além de exposições, oficinas, micropráticas, aulas abertas, residência artística e encontros semanais para pesquisa, os quais ressoam sobre o uso da referência de Dewey com o fazer pictórico, no sentido de evidenciar o conceito de experiência pelo processo de ensino e aprendizagem, visto que a pintura é tida como eixo gerador do pensar e do fazer, do saber/sentir, e além dos projetos finalizados que adentram escolas e outros ateliês, instaurando redes e conexões com projetos. Assim, ao longo do ano de 2016, o Grupo de Estudos aportou na possibilidade de adensamento sobre os estudos da cor, utilizando os exercícios propostos pelo artista professor Josef Albers.

Ademais, esses encontros, similares a aulas, realizados no Estúdio de Pintura, implicaram no desenvolvimento de subprojetos por cada participante (Projeto Albers). O desdobramento do exercício instigou a investigação de problemas educativos por meio da criação artística, ou mesmo a pesquisa de problemas artísticos por meio da própria

¹ O programa de extensão 'Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke', fundado no ano de 2014, oferece oficinas, minicursos, palestras, aulas abertas e residências artísticas que envolvem a temática da pintura, para estudantes de Graduação, Pós-Graduação e as comunidades acadêmica e externa. Dessa forma, oportuniza um espaço para conhecimento e aprofundamento sobre determinadas técnicas e o processo pictórico, bem como conversas e trocas de saberes com artistas que tenham conhecimento e notoriedade no meio artístico. Acesse: <http://www.apothekeestudiodepintura.com>.

linguagem artística, como forma de responder a perguntas e questionamentos que movem projetos poéticos. Tais questões podem se assemelhar a abordagens como a investigação baseada em Arte. No entanto, tais reflexões sobre as concepções didático-pedagógicas decorrem dos estudos da Arte como experiência, seja como teoria ou abordagem metodológica, compreendendo o estúdio de pintura como um laboratório, a exemplo do que Dewey objetivava para sua escola-laboratório.

Referências

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LAMPERT, Jocielle. [ENTRE PAISAGENS] OU SOBRE 'SER' ARTISTA PROFESSOR. In: *Cadernos de Pesquisa – Pensamento Educacional*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação UTP. DOSSIÊ: ARTE E EDUCAÇÃO: ABORDAGENS E PERSPECTIVAS. Paraná: Curitiba, 2016, vol. 11, nº 29. ISSN: 2175-2613. Disponível em: <<http://seer.utp.br/index.php/a/index>>.

WOSNIAK, F.; LAMPERT, Jocielle. Sobre o ensino/aprendizagem em Artes Visuais ou arte como experiência. In: *SEMINÁRIO COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DO LIVRO DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO*, 2016, São Paulo. Seminário comemorativo do centenário do livro *Democracia e Educação: a Filosofia da Educação de John Dewey em debate*. Paraná: Londrina, 2016, vol. 1. pp. 39-54. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/centenariode/>>. ISBN978-85-7846-365-6.

SULLIVAN, G. *Art Practice as Research: Inquiry in Visual Arts*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

_____. *Studio Art as Research Practice*. In: *Handbook of Research and Policy in Art Education*, edited by Elliot Eisner, Michael D. Day, A Project of the National Art Education Association, New Jersey/USA: Copyright, 2004. pp. 795-814.

THORNTON, Alan. The identity of the Artist Teacher. In: *Revista Apoteke e periódico*, Florianópolis, v. 3, n. 2, ano 2, jul. Artist, Researcher, Teacher: a study of professional identity in art and education. Chicago/USA: Intellect, 2013. pp. 47-53. Tradução: Márcia Amaral de Figueiredo.